Por uma Televisão Menor[1]

Luciano de Melo Dias[2]
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense
FEBF/UERJ

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar as transformações que incidem sobre a televisão e o vídeo relacionadas aos fluxos comunicacionais globalizados e em plataforma convergente, em uma abordagem teórico-conceitual sobre a mídia e minorias representativas da primeira década do século XXI; a pesquisa estuda formatos e alternativas de produção independente a partir do impacto da utilização dos novos recursos comunicacionais e informacionais – em especial os dispositivos técnicos de captura, edição e distribuição de conteúdos audiovisuais e as redes sociais informatizadas – para a criação de uma televisão menor, nas formas de interação social promovidas pela fruição de TV e vídeo e os desdobramentos políticos, econômicos e culturais, de um uso diferenciado feito por uma minoria e diferente do uso comum da televisão, se reapropriando do conceito de literatura menor proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari e pegando carona no desdobramento conceitual de Sylvio Gallo em uma educação menor. Esta Televisão Menor é pensada a partir de conceitos propostos pelos autores citados, como cultura, a produção de subjetividade, territórios existenciais, e a era de pós-mídia, e conceitos de outros autores que dialogam com o tema, como prosumidor, e o trabalho imaterial.

Palavras-chave

Pós-mídia; televisão menor; territórios existenciais; cultura; prosumidor.

Introdução

O conceito de televisão menor, como aqui citado, não tem um sentido pejorativo de uma televisão de menor qualidade e sim de um uso feito por uma minoria, que se diferencia do uso comum da televisão. Esta televisão menor, resultado de uma ressignificação do produtor e do consumidor, é resultado das possibilidades que surgem a partir da evolução

[1] Trabalho apresentado no GP Televisão e Vídeo, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação
[2] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. E-mail: lucianomelodias@hotmail.com

das tecnologias informacionais e comunicacionais e resultam em uma era de pós-mídia.

Cabe analisar as novas maneiras de se produzir e consumir audiovisual a partir das novas tecnologias informacionais e comunicacionais, responsáveis por novas maneiras de se ver o mundo, pela produção de subjetividade proporcionada a partir do acesso a esses meios. Seriam estas novas subjetividades, esses modos de subjetivação singulares em oposição a máquina capitalística, em "processos de singularização" de alguma maneira livres deste modo de produção capitalístico da subjetividade? Como agenciar outros modos de produção semiótica para que os modos de produção cultural possam se articular às produções maquínicas? Ou, nas palavras de Guattari, "como organizar, dispor e financiar processos de singularização cultural que desmontem os particularismos atuais no campo da cultura e, ao mesmo tempo, os empreendimentos de pseudo-democratização da cultura?" (Guattari, 2012, p.30).

Alguns conceitos na obra de Deleuze e Guattari encontram aplicabilidade ao dialogar com o tema: Em seu livro *Deleuze e a Educação*, Silvio Gallo apresenta deslocamentos conceituais para pensar questões contemporâneas da educação a partir dos conceitos de Gilles Deleuze: sobre a educação menor, sobre rizoma, e sobre educação e controle. A *educação menor* é uma apropriação do conceito de *literatura menor* proposto por Deleuze e Guattari sobre o uso que Franz Kafka fez da linguagem. "*Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes o que uma minoria faz em uma língua mai*or" (Kafka, p.25) Propomos nesta pesquisa aplicar o conceito de literatura menor, e o deslocamento conceitual *educação menor* de Gallo na produção e utilização do audiovisual, constituindo uma *televisão menor*, que se inclui e articula em uma televisão maior. Uma máquina de guerra, de resistência, que consiste na utilização das tecnologias informacionais e comunicacionais de uma maneira diferenciada da cultura de massa, da televisão aberta *broadcast*, passando a se constituir uma cultura de rede, rizomática, um ponto de fuga que possibilita a criação de territórios existenciais em alternativa à subjetividade forjada que muitas vezes nos é servida. O novo consumidor das imagens em movimento, que também é produtor (prosumidor), é pensado neste trabalho a partir do conceito de rizoma, e a relação deste espectador com a televisão a partir de um quarto deslocamento, a respeito da sociedade de controle.

Territórios existenciais

Em seu livro manifesto "Três Ecologias", Felix Guattari apresenta a ideia de *ecosofia*, uma articulação ética-política entre os três registros ecológicos: a ecologia do meio ambiente, a ecologia das relações sociais e a ecologia da subjetividade humana. Para uma resposta a esta crise ecológica paradoxal que se instaura na atualidade – pois quanto mais se dominam as ciências e tecnologias, ao mesmo tempo mais se destrói o planeta e o habitat humano – se faz necessária uma "revolução política, social e cultural, reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais" (Guattari, 2009. p.9). Uma mudança nos dispositivos de produção de subjetividade seria uma possibilidade para a construção de novos territórios existenciais, no sentido de uma re-singularização individual e ou coletiva, ao contrário da usinagem pela mídia de massa. Esta pesquisa propõe tomar a educação como uma das práticas que vão possibilitar esta re-singularização individual-coletiva, esta possibilidade de mudança ao utilizar as novas tecnologias – em especial o vídeo – como instrumento na educação. Há na sociedade em geral o surgimento de devires maquínicos, correlativos da aceleração das revoluções tecnológicas e informáticas. Estes devires maquínicos referentes aos computadores e novas tecnologias agem no campo da ecosofia social, e possibilitam práticas que tendem a modificar e reinventar maneiras de ser; e no campo da ecosofia mental, reinventando a relação com o corpo, com a mente e com a sociedade; há então o surgimento de uma subjetividade assistida por computador. Como observa Guattari, os modos de apreensão – conceitos, afetos, perceptos – se complementam em uma construção de "*uma repetição suporte de existência, através de ritmos e ritornelos de uma infinita variedade*." (Idem, p.19). Aponta a relação da mídia (e logo as novas tecnologias informacionais e comunicacionais) com a sua ecosofia:

> "Um ponto programático primordial da ecologia social seria o de fazer transitar essas sociedades capitalísticas da era da mídia em direção a uma era *pós-midia*, assim entendida como uma reapropriação da mídia por uma multidão de grupos-sujeito, capazes de geri-la numa via de ressingularização."(Idem, p.46).

Em Caosmose, Guattari volta a falar sobre a época de pós-midia, caracterizada por uma reapropriação e uma re-singularização da utilização da mídia. Se aprofunda nesta relação do homem com a máquina, sobre a produção maquínica de subjetividade, e cita a criação de Universos de referência como alternativa à *mass medialização*: esta produção maquínica não é boa ou má em sua essência, dependendo de sua utilização.

> "Existe uma atitude anti-modernista que consiste em rejeitar maciçamente as inovações tecnológicas. (...) Entretanto, tal evolução maquínica não pode ser julgada nem positiva nem negativamente; tudo depende de como for sua articulação com os agenciamentos coletivos de enunciação." (Guattari, 2012. p.15)

Concordamos que esta articulação, assim como apontou Antonio Negri, deveria propor questões de como destruir o monopólio capitalista da comunicação, a intervenção dos profissionais da comunicação e de todo sistema de códigos de poder que eles veiculam, e propor "alternativas de construir um sistema de comunicação pública baseado na interrelação ativa e cooperante dos indivíduos, de se ligar comunicação-produção-vida social em formas de proximidade e cooperação cada vez mais intensas. "Trata-se, em suma, de pensar numa democracia radical, na sociedade como produção, a ser posta em forma nas condições do horizonte pós-mídia." (Parente, 1993, p.176)

Entre essas novas modalidades de expressão que estariam prestes a surgir, uma delas se enquadra em alguns quesitos apontados pelo autor, e que podemos notar na atualidade é a produção de vídeos e sua divulgação em redes sociais, constituindo assim um meio de comunicação e cultura de massa no qual o consumidor é também produtor de conteúdo.

Esta modalidade de expressão se diferencia da cultura de massa, que tem um modelo comunicacional *um-todos*, e instaura um outro paradigma cultural e comunicacional: a cultura de rede, com seu modelo *todos-todos*, constituindo assim um rizoma no qual cada produtor-consumidor passa a constituir um nó da rede. Neste ponto esta pesquisa compartilha os objetivos de desenvolver um ambiente de comunicação, criando instâncias locais de subjetivação coletiva.

> "O que importa aqui não é unicamente o confronto com uma nova matéria de expressão, é a constituição de complexos de subjetivação: indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas, que oferecem à pessoa possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, (...) de se re-singularizar." (Guattari, 2012, p.17)

As características dessa era pós-mídia, apontado por Guattari, seriam as bruscas tomadas de consciência das massas, o surgimento de outros agenciamentos de transformação das lutas sociais, a recomposição dos processos de trabalho, e "a evolução tecnológica da mídia, em particular sua miniaturização, a diminuição de seu custo, sua possível utilização para fins não capitalísticos." (Guattari, 2009. p.47) As redes sociais passam a constituir um novo território existencial, palco das subjetividades destes produtores-consumidores – como é o caso deste próprio estudo, em uma metalinguagem – possibilitando um novo desenho para o acesso aos bens culturais, e a produção de

subjetividade, uma era de pós-mídia ou com várias características desta era tal qual apontadas.

O novo consumidor das imagens em movimento, que também é produtor (prosumidor) participa de um agenciamento ao produzir esta *televisão menor* como uma máquina de guerra, de resistência, com a utilização das tecnologias informacionais e comunicacionais de uma maneira diferenciada da cultura de massa presente na televisão aberta *broadcast* e com uma cultura de rede rizomática, uma linha de fuga que possibilita a criação de territórios existenciais alternativos à subjetividade forjada que muitas vezes nos é apresentada pelos meios de comunicação de massa. O conceito de prosumidor aparece no livro de Derrick de Kerckhove *A Pele da Cultura*, no qual o seguidor de McLuhan investiga a nova realidade eletrônica, em especial a Televisão:

> ”Alvin Toffler inventou o termo para destacar as mais recentes tendências do marketing, que mostraram que muitos potenciais compradores não estavam satisfeitos com o mero papel de consumidores, querendo cada vez mais estar no ato da produção” (Kerckhove, 2009, p.110).

Vale lembrar que a figura do prosumidor é um observador moderno, que vê através de uma série de códigos. Jonathan Crary cita este observador dotado de uma cultura visual moderna nos dias de hoje como vivendo em uma época em que acontece uma transformação na natureza da visão “provavelmente mais profunda que a separação entre o imaginário medieval e o da perspectiva renascentista” (Crary, p.9), devido ao rápido avanço da computação gráfica, entre outros fatores, que refletem em uma reconfiguração da relação estabelecida entre o observador e a representação, que faz com que repensemos estes conceitos.

Cultura e Televisão

O texto *Cultura, um conceito reacionário* cita três sentidos do conceito de cultura no decorrer da história: a cultura-valor, cultura alma-coletiva, e cultura-mercadoria. (Guattari, 2009) A cultura-valor diz respeito a cultivar o espírito, diferenciando quem tem cultura de quem não tem cultura; a cultura alma-coletiva foi base dos estudos culturais e da antropologia, apontando todo mundo como detentor de cultura – podendo se falar em tipos de cultura como a cultura proletária, a cultura negra, cultura indígena etc. – é sinônimo de civilização; e por fim a cultura-mercadoria como cultura de massa. Nesse último caso a cultura pode ser medida e quantificada de acordo com o número de produções “culturais”,

isto é, filmes, peças de teatro, livros, produção de subjetividade. Estes conceitos de cultura prestaram para a dominação de classes em suas épocas. O surgimento da cultura-valor serviu para legitimar a burguesia como classe dominante, classe esta que teve acesso aos bens culturais, à cultura erudita. Ao começar a designar diferentes sistemas de valor entre tipos de cultura, resultou no segundo conceito apresentado. Aos poucos, sociedades são informadas que fazem cultura, e passam a ver a sua produção inserida em pesquisas antropológicas, em mostras de museus e a ser vendida no mercado. O terceiro conceito de cultura trata de produzir e difundir bens culturais sem levar em consideração sistemas de valor ou níveis territoriais, esta cultura de massa se apresenta, então, como elemento fundamental da "*produção de subjetividade capitalística*", atendendo a um mercado.

Entre os elementos da cultura de massa, situamos a televisão (o conteúdo produzido para ela, isto é, os programas, assim como poderíamos tratar do vídeo ou do cinema) como um *agenciamento coletivo de enunciação*, uma máquina de produção de subjetividade. A produção para a TV conjuga as três visões da cultura: a cultura-valor no público alvo da programação, entre uma TV "popular" para *broadcast* e uma TV especial, erudita, "cabeça", para a programação de TV a cabo e por assinatura; a divisão de temas, por assuntos e abordagens, na programação das novelas e minisséries da TV Globo demonstram esta cultura valor, com a novela das seis (exibida por volta das 18h) mais superficial, leve, e as demais novelas vão se adensando à medida em que fica "mais tarde", até as minisséries com tratamento "cinematográfico" destinadas "à quem tem cultura para entender". O segundo aspecto se revela na grande oferta de canais e assuntos, onde tudo é assunto pra TV, tudo é cultura, ou a máxima de Andy Warhol com os 15 minutos de "fama" para todos. A cultura de massa se revela no efeito dominador que a TV tem sobre grande parte da população, ditando gostos, modismos, tendências, e moldando a opinião pública. Os territórios existenciais são pré-fabricados, de certa maneira promovendo uma alienação da população, e os novos territórios que surgem são logo adaptados para os folhetins eletrônicos, moldando, controlando e rotulando as formas insurgentes que aparecem.*"A cultura não é apenas uma transmissão de informação cultural, sistemas de modelização, mas é também uma maneira de as elites capitalísticas exporem um mercado geral de poder."(Guattari, 2011. p.27)*

Nesta visão, a cultura de massa seria responsável por produzir indivíduos normalizados segundo sistemas de submissão dissimulados, com uma produção de subjetividade social que se encontra em todos os níveis de produção e consumo. O conceito

de processos de singularização surge como uma alternativa à máquina de produção de subjetividade capitalística, propondo então desenvolver modos de subjetivação singulares, que vão ser capazes de gerir processos de singularização subjetiva, que não confinem as diferentes categorias sociais. *"A meu ver, essa grande fábrica, essa poderosa máquina capitalística produz aquilo que acontece conosco quando sonhamos, devaneamos, quando fantasiamos, quando nos apaixonamos e assim por diante*." (Idem, p.22) e conclui que "*os agenciamentos de produção semiótica implicam em dimensões micropolíticas e macropolíticas*", isto é, a TV aberta e os meios "tradicionais" de comunicação e cultura de massa têm o poder de ditar a subjetividade para cada estrato da sociedade, se tratando de um elemento da manutenção da ordem social vigente. Nos dias atuais, podemos citar as revoltas nos países árabes – chamada primavera árabe – e as manifestações *Occupy* orquestradas em nível global, que utilizaram – ou ainda utilizam – os novos recursos informacionais e comunicacionais como as redes sociais, e a comunicação por internet de mensagens, textos, vídeos e fotos, como agenciamentos de enunciação coletiva e ou individual para traçar linhas de fuga à ordem social vigente driblando inclusive censuras políticas e promovendo mudanças no regime político e social; se depois vão se render a outra ordem de produção capitalística camuflada em nova roupagem, aí já é história para outra discussão. Longe de se propor a julgar aspectos da mudança da produção, quando esta Televisão Menor, esta produção independente para a internet é absorvida pela TV aberta broadcast, observamos que o fato desta "absorção" acontece, servindo a web como termômetro e porta de entrada para a programação das emissoras, inclusive estas passando a oferecer conteúdos exclusivos para a rede, junto à sua programação habitual em demanda e por streaming de vídeo.

As mudanças ocasionadas pelo avanço da ciência e tecnologias geraram reflexos nas maneiras das pessoas se comunicarem e se relacionarem, na relação de tempo e espaço desta comunicação, assim como nas relações de trabalho. O conceito de multidão "demonstra que uma teoria da classe econômica não precisa optar entre a unidade e a pluralidade, é uma multiplicidade irredutível", são singularidades que agem em comum. Preferimos este termo que ao conceito de classe operária ou trabalhadora (Hardt, 2003, p.145), assim como de Império ao de classe dominante, reforçando a ideia de um Império sem fronteiras, com suas máquinas de produção de subjetividades capitalísticas. Nesta condição de império nomadizado, se questiona "como se viabilizam outras redes que não as comandadas pelo capital, redes autônomas, que eventualmente cruzam, se descolam,

infletem ou rivalizam com as redes dominantes."(Pelbart, 2003. p.21) "o fato é que consumimos mais do que bens, formas de vida (...) consumimos toneladas de subjetividade." (Idem, p.20) A televisão, assim como a produção de conteúdo audiovisual, se relacionam com o conceito de *trabalho imaterial* conforme utilizado por Negri e Hardt: O trabalho imaterial "*cria produtos imateriais, como o conhecimento, a informação, a comunicação, uma relação ou uma reação emocional*." (Hardt, 2001. p.149) Este trabalho imaterial é combinação de dois tipos de trabalho, o trabalho intelectual (ou lingüístico), e o trabalho afetivo, em outras palavras, o trabalho imaterial combina boa atitude e traquejo social: "a criação de comunicação, certamente é uma operação lingüística e intelectual, mas também tem inevitavelmente um componente afetivo na relação entre as partes que se comunicam (...) a mídia deve criar afetos e formas de vida." (Idem, p.150)

Os conceitos de arbóreo e de rizoma remetem a noções de biologia; "a metáfora tradicional do conhecimento é a arbórea" (Gallo, p.73), isto é, o conhecimento ocidental que era unicamente objeto da filosofia, com o tempo foi crescendo, se elaborando, e passou a se ramificar dando origem a outras áreas do conhecimento, assim sucessivamente em uma hierarquização do saber. Daí a relação da estrutura organizacional do conhecimento com os galhos de uma árvore, que vão se ramificando, sendo a filosofia o seu tronco – de onde as demais ramificações tiveram origem. O rizoma se diferencia, pois

> "Os diagramas arborescentes procedem por hierarquias sucessivas, a partir de um ponto central ao qual remete cada elemento local. Os rizomas, ao contrário, podem derivar infinitamente, estabelecer conexões transversais sem que se possa centrá-los ou cercá-los. O termo rizoma foi tomado de emprestado a botânica, onde ele define os sistemas de caules..." (Guattari e Rolnik, p.388)

Isto é, o rizoma melhor define o modelo comunicacional propiciado pela informática e pela internet, onde há a possibilidade de se construir subjetividades em rede, onde cada consumidor também é um produtor em potencial.

Prosumidores e a Televisão Menor

Percebemos aqui que com a popularização dos recursos comunicacionais e informacionais o consumidor passivo de conteúdo dá lugar a uma figura mista de produtor e consumidor, que consome o próprio produto. Apontaríamos isto, em um caso extremo, de uma sociedade que é responsável por produzir toda a subjetividade que consome,

subjetividade esta não produzida por uma máquina capitalística – isto apenas como exemplo utópico, pois se trata de uma sociedade capitalística generalizada, e toda subjetividade que consumimos foi produzida por uma sociedade, ainda que não a nossa. Há a construção de um *plano de imanência* no qual as subjetividades produzidas se revelam, constituindo um novo *território existencial* e se constituindo de redes, rizomas. Este plano comum de imanência é um espaço onde se reúnem os indivíduos, os corpos, as singularidades, e a constituição de uma comunidade física-virtual: a universidade, as redes sociais, etc.

Conforme apontado no início do texto, esta pesquisa visa apresentar uma abordagem teórico-conceitual sobre a mídia e minorias representativas da primeira década do século XXI a partir da utilização dos novos recursos comunicacionais e informacionais para a criação de uma Televisão Menor, de um uso diferenciado feito por uma minoria e diferente do uso comum da televisão. Isto é, a partir dos conceitos suscitados, observa-se o desenvolver do trabalho audiovisual a partir da produção de subjetividade, criando novos territórios existenciais que apontam caminhos para processos de singularização. As novas maneiras de se produzir e consumir audiovisual a partir das novas tecnologias informacionais e comunicacionais, responsáveis por novas maneiras de se ver o mundo, pela produção de subjetividade proporcionada a partir do acesso a esses meios, possibilita uma linha de fuga, uma alternativa aos modelos preparados que utilizam os meios comunicacionais para o domínio da subjetividade, peças de uma máquina capitalística; produzindo a partir dos desejos, perceptos e afetos dos produtores-consumidores constituem-se assim parte de uma nova era chamada de pós-mídia.

Referências

CRARY, Jonathan. ***Techniques of the Observer: On Vision and Modernity in the 19th. Century***. Cambridge: MIT Press, 1990.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. ***Mil Platôs vol.4***, São Paulo: Editora 34, 2008.

FOUCAULT, M. ***Microfísica do Poder*** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GALLO, Silvio. ***Deleuze e Educação*** Rio de Janeiro: Autêntica, 2010.

GUATTARI. Félix. ***Três Ecologias*** Campinas, SP: Papirus, 20ª.ed, 2009.

_____. ***Caosmose: Um novo paradigma estético*** São Paulo: Editora 34, 2ª.ed, 2012.

GUATTARI, F. **ROLNIK**, Suely. ***Micropolitica: cartografias do desejo*** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HARDT, Michael. **NEGRI**, Antonio. ***Império*** Rio de Janeiro, RJ: Record, 2001.

KERCKHOVE, Derrick. ***A Pele da Cultura: Investigando a nova realidade eletrônica*** **São Paulo: Annablume, 2009.**

PARENTE, A. **Imagem-*Máquina: A era das tecnologias do virtual*** Rio de Janeiro: Ed.34, 2004

PELBART, Peter P. ***Vida Capital: Ensaios de biopolítica*** São Paulo, SP: Iluminuras, 2003.